

**Michel Peterson**  
Psicanalista,  
trabalhador social  
e professor de  
Literatura. Cadeira  
Hans & Tamar  
Oppenheimer  
em Direito Civil  
Internacional  
(Universidade  
McGill, Montreal),  
onde dirige o  
programa de  
pesquisa Roads  
of Bones and  
Ashes (www.robbaa.  
org). Doutor em  
Linguística, Letras  
e Artes - Université  
de Montreal, UdeM,  
Canadá (1992),  
Pós-doutorado em  
Estudos polinísticos  
- Universidade de  
Varsóvia (1993).

**Christian Peterson**  
Cineasta e fotógrafo.  
Realiza pesquisa  
na linha entre  
cinema, fotografia  
e arquitetura,  
abordando a  
expressão da  
memória pessoal  
e coletivo.  
Diretor criativo e  
cofundador do  
CMK Media Inc.,  
uma companhia  
de produção  
multimídia com  
sede em Toronto.

**Rosa Rockenbach**  
Tradutora

## ONDE SÃO/ESTÃO OS OSSOS...ROBAA (Roads of Bones And Ashes/ A Estrada dos Ossos e das Cinzas)

### WHERE ARE/LIE THE BONES... ROBAA (Roads of Bones And Ashes)

**Resumo:** O texto discute a exposição itinerante Onde são/estão os ossos... que é oriunda do projeto de pesquisa ROBAA (Roads of Bones and Ashes / A estrada dos ossos e das cinzas), relatando este trabalho que emergiu no final dos anos 90, de um trabalho clínico de consulta psicanalítica em instituição e consultório privado junto a requerentes de asilo que sofreram tortura. O projeto concentra-se, no primeiro momento, nos efeitos psíquicos dos traumas extremos (guerras, genocídios, democídios, massacres de todo gênero) para, em seguida, expandir-se e tocar nas questões de natureza paleontológica, arqueológica, antropológica, filosófica, literária, política e econômica.

**Palavras-chave:** Fotografia; Tortura; ROBAA. Geopoético.

**Abstract:** *The paper discusses a traveling exhibition Where are/lie the Bones... which emerged from the research project ROBAA (Roads of Bones and Ashes/ A estrada dos ossos e das cinzas). It reflects on the work begun in the late 1990s, a clinical work of psychoanalytic consultation in institutional and private practice, with people who had gone through the suffering of torture and were seeking asylum. The project focuses first on the psychological effects of extreme trauma (war, geocide, democide, massacres of all kinds), expanding and touching on questions of a paleontological, archaeological, anthropological, philosophical, literary, political, and economic nature.*

**Keywords:** *Photography; Torture; ROBAA; Geopoetic.*

A exposição Onde são/estão os ossos... é oriunda do projeto de pesquisa ROBAA (Roads of Bones and Ashes / A estrada dos ossos e das cinzas). Nascido no final dos anos 90, de um trabalho clínico de consulta psicanalítica em instituição e em consultório privado junto a requerentes de asilo que sofreram tortura, o projeto concentra-se, no primeiro momento, nos efeitos psíquicos dos traumas extremos (guerras, genocídios, democídios, massacres de todo gênero) para, em seguida, expandir-se e tocar nas questões de natureza paleontológica, arqueológica, antropológica, filosófica, literária, política e econômica.

Onde são/estão os ossos... permite ver e ouvir um momento, um estado provisório de ROBAA, o nó de um rizoma, uma temporalidade mais próxima do movimento do inconsciente que de um terreno “empírico” e “fenomenológico”. Trata-se de um ato geopoético para o qual os pesquisadores da partida propuseram aos artistas-acolhedores da UFPel um material de que eles se apropriaram e transformaram. Esta proposta corresponde, aliás, a um momento em que ROBAA, instigado pelo antropólogo Filippo Furri, transformou-se, em 2016, em MédiaLab ROBAA, um projeto multimídia (livros, exposições de fotografia, filme, blog) tratando da história dos crimes de massa, do espectro e da transmissão coletiva e individual dos grandes traumatismos, na perspectiva humana e pessoal. O que mostra que os ossos deixam rastro nas estradas desde os tempos mais antigos da humanidade – o próprio originário. É por isso que, embora o projeto fosse mais pessoal, inclusive mais íntimo, ele agora se torna uma plataforma e um entroncamento em que se encontram pesquisadores e artistas de várias instituições de muitos países (Canadá, França, Tunísia, Itália, Grécia, Polônia, Brasil).

Através de nossas pesquisas e de nossos “deslocamentos”, nós nos deixamos levar por uma migração rumo a uma etnografia transnacional do luto (Filippo Furri) que abre, então, a enorme questão dos traumas individuais e coletivos, com os cortejos de fantasmas que os inspiram. A

circulação e o desaparecimento dos ossos permitem, através de mares, terras e cemitérios, levar, assim, a reflexão sobre as condições de possibilidade dos genocídios e dos crimes de massa, sobre os espectros e sobre a transmissão coletiva e individual dos grandes traumatismos. Assim, um trabalho sobre o retorno do recalque provoca a necessidade de não cessar o retorno à memória humana. Combater o esquecimento dos genocídios, o apagamento, o apagamento do apagamento – isto é a forclusão –, eis um dos eixos centrais de *Onde são/estão os ossos...* Este caminho, através de alguns cemitérios do mundo, imprime um trabalho de transmissão.

### **PROPOSTA INICIAL DE ROBAA (ROADS OF BONES AND ASHES)**

O projeto *Roads of Bones and Ashes (A Estrada dos ossos e das cinzas)* nasceu de uma ideia comum: o retorno às vozes e às memórias de infância de um pai, psicanalista e professor de literatura e de seu filho, fotógrafo e cineasta: aqueles, estranhos, estrangeiros, a quem os ouvidos de um pai escutavam enquanto criança, e que veio à sua memória quando escreveu seu pós-doutorado na Polônia, entre Łódź e Varsóvia, para transmitir a seu filho (Figura 1). É que o pai não poderia não voltar para o local de uma das suas línguas: a Polônia do início dos anos 90, apoiado nisso, exportado na migração familiar para o Canadá, em Toronto, nos anos 60. Esta Polônia tornou-se, então, a Łódź da infância de seu filho, dos blocos comunistas, idênticos e nervosos, dos supermercados desguarnecidos, mas também das câmaras de gás, das valas comuns, um dos lugares de crueldade e de desumanidade radical.

Trata-se de um retorno ao país onde se desenvolveu pela primeira vez no alvorecer do século XX, ou seja, a Armênia, como no retorno do reprimido que não cessa em retornar à memória humana, mesmo que a velocidade da História pareça atualmente fazê-lo recuar em direção ao espectro, apagá-lo sem jamais, no entanto, alcançá-lo.



Figura 1 - Rua Ozorkowska, Łódź, Polônia. Foto: © Michel Peterson.

A fim de combater este esquecimento, nós concebemos um projeto multimídia e multimodal em que a tradução e a transcrição desempenham um papel fundamental, pois cada um dos modos expressos (escrita e imagem), que entram num processo de transposição de um meio artístico para outro, se vê mudar de lugar, descentralizado, em curso de migração. Apoiando-nos em diferentes práticas artísticas, nós buscamos alcançar vários públicos cujas coordenadas de compreensão e experiências de mundo sejam diferentes. Esperamos assim favorecer as transversalidades e os rizomas que aumentam as potencialidades interpretativas. Se esta perspectiva múltipla nos é imposta é porque a aparência, desde os últimos quinze anos, da multimodalidade parece em vias de provocar profundas alterações no status da memória (lugar preponderante da tela, emergência de um novo ecossistema cultural, desordem nos modos de pesquisa com

internet, etc.) na era da globalização.

Mas, ainda existe mais. Este quase "desaparecimento" baseia-se na negação coletiva que ainda continua até hoje. Trata-se do genocídio armênio, o primeiro grande crime de massa da história contemporânea, enquanto os seres humanos, na entrada do século XX, já tocaram o "coração das trevas". É claro que numerosos são os motivos históricos, sociais, políticos, sociológicos, econômicos, filosóficos, artísticos e psíquicos que permitiram fazer do Holocausto a Catástrofe. Dito isto, os caminhos coletivos e singulares do pai e de seu filho os confrontam à necessidade ética de mudar, para não se estragar no paradigma absoluto do horror. Vindos das Américas, sob forma de escravos e de colonização, eles podem pensar de outro modo.

### COMO E QUANTO DE OUTRO MODO?

Adotando uma perspectiva antropológica e criativa que não seja mais unicamente vinculada aos valores da família. Tratando-se de uma experiência de transmissão genealógica, este projeto não se mantém na família e permite ao pai, como ao filho, se deixar passar por tudo que vem de fora e move a filiação "natural". Em uma transferência migratória que se deixa implantar realidades heterogêneas em termos de país, palavras, imagens e da psique, de um para o outro cada um sendo testado do exterior. O filho e o pai experimentam, então, sua desterritorialidade, entrelaçada por relações a-genealógicas. Ao passar pelos traços das grandes tragédias humanas e culturais, este projeto é duplamente autobiográfico, tecendo o encontro do pai com seu filho. Nós não esquecemos, também, dos acontecimentos trágicos do massacre de Srebrenica ou o genocídio de Ruanda. Mas estamos ligados no que nos tocou em nossas histórias subjetivas e é essa dimensão íntima, intensa e duplamente pessoal que guia este caminho que nós tentaremos explorar, o que se imprime em dois assuntos de

trabalho de transmissão, em como eles os exploram e no mundo dos traços de diversos esquecimentos.

O que fica? Trata-se de produzir agir entre eles uma transferência de memória que não repete qualquer epopéia e não cai na nostalgia do país perdido ou na mistificação do luto impossível. Ao invés disso, trata-se de ontribuir para o trabalho cultural firmado em seu caminho de vida respectiva e comum à criação de uma herança cultural, e de obras que se apóiam nas coisas mais concretas que transmitem estes apoios, através de diferentes configurações e diferentes velocidades de disseminação. É através deste rizoma que os fantasmas encontram a materialidade da alma que lhes permite sustentar a vida não esquecendo os desaparecidos. E a necessidade de uma perspectiva intermediária perspectiva de intermediária torna-se evidente a medida que ela permite fazer trabalhar o irrepresentável, jogar nos intervalos dos "fatos", repensar a noção do acontecimento enfatizando a antologia da História.

O título deste projeto: *A Estrada dos ossos e das cinzas* é inspirado no nome dado à estrada Federal M56 na Rússia, conhecida como rodovia Kolyma (principal cidade do Kolyma) ou Estrada dos ossos. Com 2.032 km de comprimento, ela liga Madagan e Yakutsk, capital da República Russa da Iacútia, na Sibéria central. É neste local que se encontram as minas de ouro a jusante de Kolyma. A primeira parte desta estrada dos ossos (apelidada assim, pois milhares de prisioneiros foram incorporados na estrada) foi construída em 1932 sob Stalin pelos prisioneiros do campo de trabalho de Sevvostlag. Ela continuou a ser construída pelos prisioneiros do Gulag vizinho, até 1953.

### O BURACO

Tudo começou com isso.

Em 26 de agosto de 2004, nós fazíamos uma visita, em família,

ao Cemitério Notre-Dame-des-Neiges, em Montreal (Figura 2). Nosso projeto: reencontrar o lote onde estão enterrados os membros da família de meu pai, os Peterson. A pesquisa é rápida e simples. Trata-se do lote GA 2475. De 26 de dezembro de 1942 a 9 de agosto de 1988, sete corpos foram depositados lá. Mas nós tivemos algumas dificuldades para identificar o lugar indicado. Nós passamos e repassamos, de fato, várias vezes sem identificar a lápide. Nós percebemos, subitamente, que ela nunca existiu. No local, um buraco, uma ausência, uma significante falta por inscrever sobre a pedra a filiação.

É desse buraco, aberto de forma escancarada sobre nossa raiz longínqua, sobre nossos pais escandinavos, que nasceu o projeto de partir pelas estradas dos ossos e das cinzas, que nos conduzem rumo a numerosos grandes massacres em massa.



Figura 2 - Cemitério Notre-Dame-des-Neiges, Montreal, Canadá. Foto: © Christian Peterson

### **NOW ON THE ROAD**

Nove anos mais tarde...

Primeiros passos concretos em direção às *Estradas dos Ossos e das Cinzas*. A caminho de Tunis, de onde partiremos para Sousse, 140 km ao sul da capital tunisiana, para um colóquio sobre o trauma. Escala em Frankfurt na bruma leve da manhã. Quatro horas de espera. Cansados, depois da noite passada no avião, nós nos sentamos à mesa para algumas Frankfurter Würstchen. Nós nos instalamos, a seguir, diante das sacadas envidraçadas a devanear preguiçosamente, nossos olhares atraídos pelo tráfego na pista.

Diante de nós, pistas conduzindo a todo lado no mundo. Milhares de bens e de produtos, inumeráveis passageiros vão e vêm de um país a outro, de um continente a outro... de uma realidade à outra, de um imaginário a outro. Topografias míticas surgem. Que eles viagem a negócios, por prazer, para encontrar alguém ou descobrir o novo deles mesmos, eles fazem a experiência da passagem, da dialética do tempo histórico.

Este tempo se desdobra na multiplicidade das lembranças que estão disponíveis para nós, desde que se ative a máquina de memórias.

É aqui em Frankfurt (Figura 3), capital do Banco central europeu, que Descartes, dito o cavaleiro de Perron, o inventor da álgebra moderna, comparece, em 9 de setembro de 1619, à consagração do arquiduque Ferdinand da Áustria. Dez anos antes, quando só tinha 13 anos, ele foi testemunha de um genocídio, Henri IV, ordenou a limpeza em Labourd, no País Basco, que segundo ele, estava cheio de bruxos e bruxas. Basicamente, tratava-se de promover a Contrarreforma católica liquidando seus adversários para impedir as revoltas.

É aqui em Frankfurt, que, nos anos 50, se constitui o local de destaque da Teoria Crítica. No início, sensíveis à ascensão do fascismo até a chegada de Hitler ao poder, seus pensadores se-

ção “atravessados” pelo extermínio – de Benjamin, que cometerá suicídio até Horkheimer e Adorno, que verão afetado seu Ideal da Razão, em seguida de Fromm à Honneth passando por Marcuse e Habermas, que irão realizar uma desconstrução da sociedade burguesa e do capitalismo.



Figura 3 - Pista do aeroporto de Frankfurt-Hahn, Alemanha.

Foto: © Christian Peterson

### MARCAR A TERRA

Mesmo os satélites permitindo hoje identificar com uma grande precisão os detalhes de nossa moradia, às vezes, é de uma janela de avião que podemos melhor *sentir* como os humanos marcam a terra. Entre Frankfurt e Tunis, Christian contempla as pegadas do homem sobre o território, nas quais se sobrepõem as escrituras “naturais”. Na verdade, os córregos, rios, florestas, montanhas, fendas, falésias e campos são literalmente marcados pelas veredas, estradas, pontes, travessas, ruas, avenidas, jardins, parques, casas, empresas, bairros, municípios e outros vestígios da História que iniciam separações, ramos, saídas, retornos, fronteiras (Figura 4). Em suma, uma série infinita de enxertos e intertextos polifônicos.

Caminhos que não chegam a lugar nenhum, mas abrem a via dos ritmos e das línguas, das trocas que dizem a perenidade apesar da destruição que espreita escondida em silêncio nas cavernas da morte. De minha poltrona no avião, sonho com a estrada geopolítica de Salah Ben Youssef, um dos políticos tunisianos que foi um pioneiro do movimento nacional. Aquele que, primeiramente, foi amigo de Habib Bourguiba, tornou-se mais tarde seu inimigo declarado e deposto de suas funções. Condenado à morte, fugiu, refugiando-se em Trípoli e depois no Cairo antes de seguir para um tratamento termal no hotel de Wiesbaden. Em 12 de agosto de 1961, ele foi assassinado num hotel em Frankfurt.

Há um só lugar no mundo que não tenha, um dia, sido palco um acontecimento que mereça inscrição na memória humana?

### O HOMEM E O MAR

Um homem observa o mar. Ele já ouve o canto do crepúsculo que se levanta em sua imensidão? Ele vê na delicadeza do ar aquele que ama, ou ele já chora por aquele que o deixará um dia e cuja presença fantasmagórica só terá rompido por sua voz de sereia? E sua bicicleta, onde o levará: ao porto ou ao seu lugar de meditação? E ele pensa, como o San-



Figura 4 - Fronteira França-Alemanha. Foto: © Christian Peterson

tiago de Hemingway, na luta sem piedade que ele confiou em oposição às ondas infinitas e ao peixe místico, seu “irmão”, que ele vencerá um dia? “O mar! Por todo lado o mar! Ondas e ainda ondas”, exclama Victor Hugo, ao mesmo tempo angustiado e fascinado pelo movimento perpétuo. Minha própria mãe adorava este poema, cujos versos, ela garantia, tinham-lhe sido transmitidos por seu pai. E nós, observando este homem, que perseguimos nós de lembranças e de vozes interiores para sempre esquecidas? Litorais dos humanos que tecem os fios do destino.



Figura 5 - Mahdia, Tunisia. Foto: © Christian Peterson

### O PURO ESPAÇO

Divino passeio a Monastir com os amigos. Lá, esta porta, um pouco abandonada, oferece-nos a boca do mar, como num eco ao grande arco de Mahdia (Figura 5). Separando e unindo dois espaços, limite entre a rua e o quebra-mar. Mas igualmente, mais distante de nós, o mundo que lá se apresenta, em plena luz, e nossos mundos interiores, invisíveis e anunciando, no entanto, o *Aberto (das Offene)* de que fala Rilke em uma de suas *Elegias de Duino*.

Como num sonho, nós reunimos materiais heterogêneos, deixamos as impressões realizarem sua obra; nós nos movemos, condensamos, elaboramos, recriamos sem mesmo nos darmos conta disso. Aparentemente, parece que estamos há anos-luz de nosso projeto. E, no entanto, basta calçarmos nossas botas de sete léguas psíquicas e retornamos ao nosso endereço, realizando nos recantos do inconsciente as repetições que se impõem. Pois, vários de nossos amigos que acabo de mencionar são aquelas e aqueles que, cada um à sua maneira, refletem com toda intensidade as questões colocadas aos seres humanos pelos grandes crimes de massa, traumas ao mesmo tempo subjetivos e coletivos. Na passagem desta porta, do outro lado do limiar, continuar a questionar, mesmo nos momentos de silêncio, mergulhados na hospitalidade do que está por vir (Figura 6).

### TO BE CONTINUED

No começar, no começar, no começar era a criação a descrição. O *fo-goágua*. Já, no começar. Desde sempre e para sempre. E o sonho já interrogava as fronteiras e a lei das fronteiras, a lei das marcações e das demarcações.

Desde que a Terra e as Águas se encontraram, bilhões e bilhões de mortos foram enterrados, jogados, largados, esquecidos. Desde a toda-violência daquela barbárie que acompanha a cultura, tal como Ben-

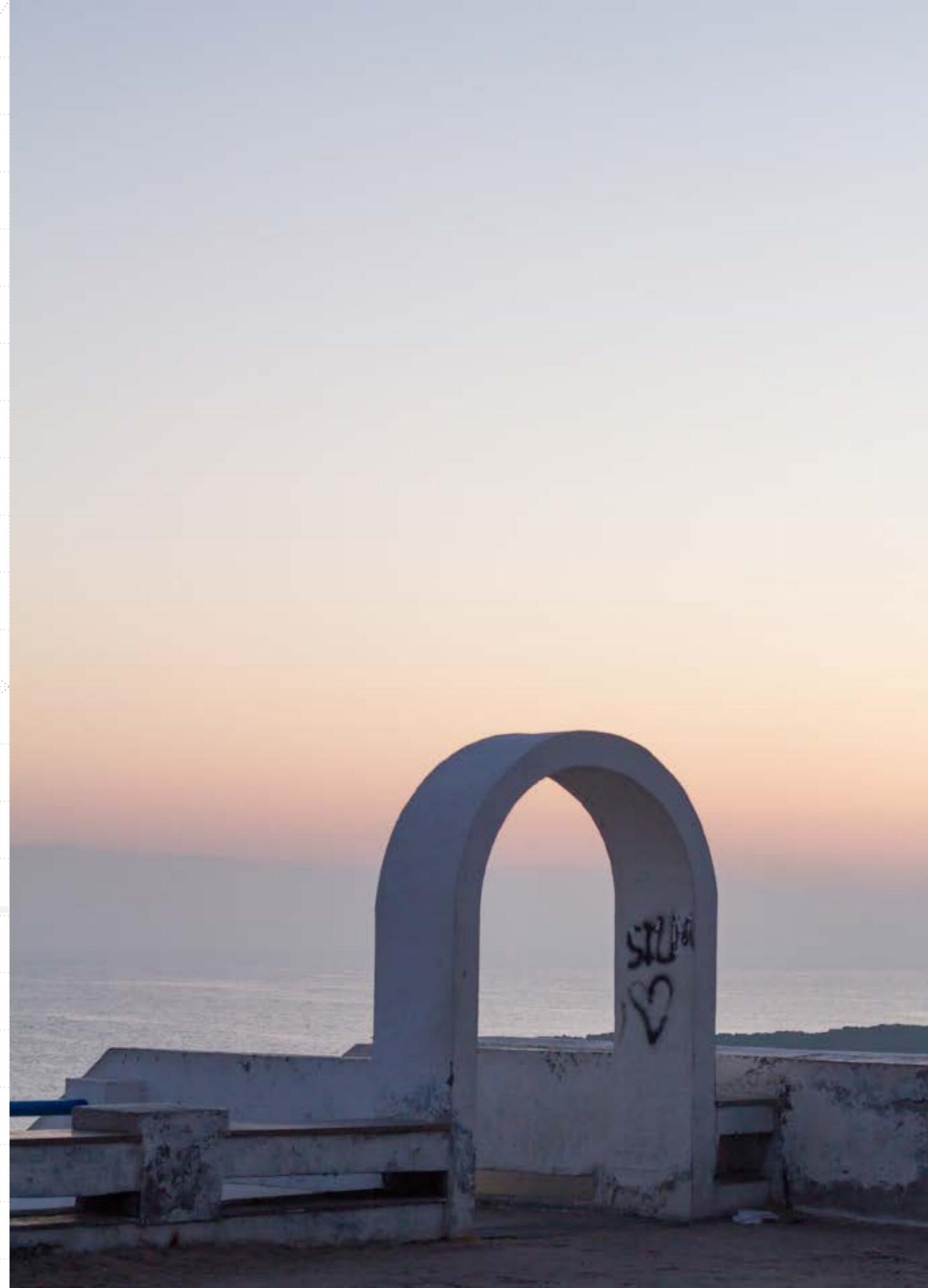


Figura 6 - Mahdia, Tunisia. Foto: © Christian Peterson

jamin a colocou. No mesmo instante em que escrevo estas linhas, enquanto meus olhos estavam voltados para o Mediterrâneo, eu recebo no Facebook um “post” de Democracynow.org mencionando a macabra descoberta, no Texas, de sepulturas – devemos dizer “catacumba”? – de imigrantes mexicanos. Mas o Estado afirma – como pode? – que nenhuma lei foi violada: “Texas says there is “no evidence” of wrongdoing after mass graves filled with bodies of immigrants were found miles inland from the U.S.-Mexico border.” No começo de *ROBAA* – vamos saber porque... – nós estávamos mais concentrados na Terra, nas sepulturas onde as cinzas e os ossos recolhidos permanecem, por vezes, enquanto certas condições particulares são reunidas. De toda maneira, os cemitérios de cada época e de cada região chamam nossa atenção, nossa memória. Dos cemitérios marinhos de Sète ou de Mahdia em Mitiá, um dos cemitérios dos mortos zapotecas, dos cemitérios e dos mausoléus de Istambul ao cemitério da vila kaingang de Votouro, daquele do convento de Tecali aos humanos sacrificados encontrados no complexo de Teotihuacan, onde se encontra a pirâmide da Serpente de plumas, passando pela Recoletta – sem nunca esquecer todos os desaparecidos escondidos na rota do Goulag –, em toda parte as camadas de esqueletos – ou de poeira de esqueletos dos massacrados da História não acabam mais de voltar na nossa psique.

Depois, pouco a pouco – evidentemente, com essa aparente crise dos migrantes do Mediterrâneo –, nós nos debruçamos sobre o Mar e começamos a nos deparar com os fantasmas destes corpos que nunca serão encontrados, engolidos pelas águas. Memórias de além-túmulo que não resistem à violência da história. E os corpos que são resgatados, acontece muito frequentemente que se lhes coloque em terra numa precipitação *eliminadora*, para que eles desapareçam de novo.

Assim, nós descemos com Walter Benjamin no Mediterrâneo, em Portbou, no Norte da Catalunha, Espanha, lá onde o artista e escultor is-

raelense Dana Karavan, que elaborou várias obras em relação com o Holocausto, Hiroshima, a tolerância, a paz, criou Passagens, um monumento (1990-1994) em memória de Walter Benjamin. Está aí, para retomar os termos de Sylvie Rolletm uma maneira de lutar contra “a desunião absoluta da relação de humanidade, para traçar uma fronteira antropológica definitiva, não passa menos no seio da humanidade”? Este movimento que nos joga em pleno mar, que nos convida aos abismos, não tem sua quota de verdade (Wahrheitsgehalt) do “projeto incessantemente retomado para recriar uma forma viva, aí onde a deflagração catastrófica produziu a informação”? (*Uma ética do olhar: o cinema em face à Catástrofe*, de Alain Resnais a Rithy Panh, 2011). Daí estas passagens eischerianas, criadas desta vez pelo artista quebequense Philippe Internoscia, que evoca a nossa memória os primórdios do capitalismo em Paris e a presença insistente na humanidade de uma eterna Catástrofe – daí, aliás, *ROBAA* não pudesse resumir-se a um projeto de imagens de síntese. Abrir uma outra cena – aquela do inconsciente – e outras cenas, tão infinitas quanto as noites das mil e uma noites. Alcançando, assim, as margens onde Afrodite, a deusa do amor e mãe de Eros, revela-se como deusa da guerra, como era o caso nos cultos de Esparta e de Corinto. Afrodite, a *andrófona*, ou seja, a assassina de homens, e a *timbórica*, a que cava as tumbas (James Hilman, *A Terrible Love of War*), que mantém, no além, um parentesco secreto com Hécate e Mene ou Selene: “Deusa da luz mas também da noite, ela banqueteia nas criptas e nas sepulturas. É, então, também uma deusa da morte e dos infernos subterrâneos, uma deusa do Hades.” (Jacques Derrida, *Poétique et politique du témoignage*). Então, quando a pulsão de três nomes (pulsão de morte, pulsão de destruição e pulsão agressiva, dixit Derrida, *Mal de arquivo*) destitui a relação de identificação, de reconhecimento do outro humano, ele pode ainda encontrar o amor? Ainda há lugar para esperar, ou a experiência foi de agora em diante para sempre anulada a partir da Primeira Guerra Mundial, assinando, assim,

a virada da modernidade? Esta questão – aquela do fundo diabólico da humanidade, de seu arquivo, talvez, insuportável a pensar senão através de sua quota em fosséis – impõe à nossa “realidade histórica” a verdade, sempre a reproduzir, do mal. Onde, como enfatiza ainda Sylvie Rollet, a imagem da água no fim do filme *Noite e neblina* (Alain Resnais), imagem que convoca uma comunidade impossível: “Esboçam-se, então, os contornos de um “ser-junto” paradoxal, de um ‘nós’ fundado na consciência do desmoronamento da relação de humanidade, nascido do desastre.” Não é, então, que Kafka reaparece tal como um fantasma? Lendo-o, Benjamin vem compreender que “atrás de uma civilização que progride, a lei do mundo programa os germes de uma barbárie que ela encobre, legitima e banaliza. O mal não existe fora da lei, mas em seu próprio coração. O mundo social está integralmente ganho, invadido por um *mundo primitivo*, que se apodera de todos e de cada um.” É assim que a partir de agora – não é desde sempre? –, que “a lei pode *tudo* legitimar, tudo condenar, excluir cada um porque ela o exclui, acusá-lo porque ela o acusa. Cada um dos membros da comunidade que ela identifica pode, no mesmo instante, ser excluído, denunciado e proibido de existir.” (Bruno Tackels, Walter Benjamin. *Une vie dans les textes*).

De modo que eu venho a me perguntar se essa eterna busca não concerne ao Mistério da Existência ela mesma, segundo a expressão de Stanisław Ignacy Witkiewicz. Em resumo, *ROBAA* é um encontro neste mundo de infra-mundo, uma sequência de encontros e de relações que constituem – mas que importa! – uma luta contra o desumano. E disso eu não desistirei jamais. O coração das trevas está aí, em nós; trata-se de afrontá-lo e de assumi-lo sem cair na boa alma, sem procurar aproveitar-se do amor para se vestir de boa consciência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carnets ROBAA III. *Rememora-Me !* (coll. Gabriela Peterson) (2017), Montréal, ROBAA/ Cadeira Oppenheimer, Universidade McGill.

Carnets ROBAA II. *L'attente des fantômes [A espera dos fantasmas]* (imagens de Christian Peterson) (2017), Montréal, ROBAA/Cadeira Oppenheimer, Universidade McGill.

Carnets ROBAA I. *Un trou dans la nuit [Um buraco na noite]* (imagens de Christian Peterson) (2017), Montréal, La compagnie à numéro/Cadeira Oppenheimer, Universidade McGill, 2014.

Simon Harel, Nellie Hogikyan et Michel Peterson orgs. *La survivance en héritage. Passages de Janine Altounian au Québec [A sobrevivência como herança. Passagens de Janine Altounian no Québec]* (2013). Québec, Editora da Universidade Laval.

*L'instant du danger. Réflexions d'un psychanalyste et témoignages sur l'exil forcé [O instante do perigo. Reflexões de um psicanalista e testemunhos sobre o exílio forçado]* (fotos de Charles-Henri Debeur) (2012), Montréal, Éditions du passage.